

EXCETO X: UMA ANÁLISE À LUZ DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Fabiana Felix Duarte Moreira

Orientador: Ivo da Costa do Rosário

Mestranda

RESUMO: Apesar de alguns teóricos mencionarem as orações de exceção em seus compêndios, essa descrição é ainda incipiente. A NGB, que serve de parâmetro para as Gramáticas Tradicionais, não contempla as orações de exceção, provocando, assim, um hiato na descrição das orações adverbiais. Esta pesquisa pretende traçar um panorama dos usos do conector *Exceto X*, lançando, assim, luz ao tema. Essa descrição se dá a partir do modelo teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) que une a Linguística Funcional de vertente norte-americana à Gramática de Construções. Julgamos que essa abordagem apresenta-se como apropriada para a investigação do conector *Exceto X*, porque assume uma visão holística dos fenômenos linguísticos ao incorporar a semântica e a pragmática à análise das construções, alargando seus interesses para além do plano morfossintático. Para este trabalho, os *corpora* selecionados compreendem textos de domínio jornalístico publicados entre os anos de 2000 a 2016. A partir da busca pela partícula *exceto*, foram levantadas ocorrências, nas quais verificamos o padrão construcional *Exceto X* instanciado em quatro *types* oracionais: 1) *Exceto Ø*, em que o elemento subsequente é uma oração reduzida de infinitivo; 2) *Exceto quando*; 3) *Exceto se*; 4) *Exceto que*. Acreditamos que essas microconstruções são estratégias de veiculação de conteúdos semântico-pragmáticos aparentados, mas, ao mesmo tempo, diferenciados. Os resultados parciais dessa pesquisa evidenciam os usos sincrônicos do conector *Exceto X*, justificando, assim, a necessidade de uma maior descrição desse fenômeno linguístico.

PALAVRAS-CHAVE: construção; articulação de cláusulas; hipotaxe; exceção.

Considerações iniciais

A Nomenclatura Gramatical Brasileira, que serve de base para a maioria das gramáticas normativas produzidas em nosso país, não contempla as orações adverbiais de exceção, provocando, assim, um hiato na descrição das chamadas orações adverbiais.

Apesar disso, alguns poucos autores brasileiros (ROCHA LIMA, 1999, p. 263) mencionam as orações de exceção em seus compêndios, normalmente com uma descrição muito breve ou restrita a um único exemplo.

Diante da quase inexistência de investigações acerca desse tipo de fenômeno linguístico no português do Brasil (PB), objetivamos, por meio deste trabalho, fornecer evidências de que o conector *exceto*, combinado ou não com outros itens, é produtivo no português brasileiro e instancia a construção *Exceto X*. Portanto, urge uma descrição de seus usos e uma investigação acerca de seu comportamento morfossintático, no plano da integração de orações. Para fins ilustrativos, vejamos uma instanciação dessa construção:

(01) Famosos e anônimos aproveitam a madrugada para trabalhar ou realizar qualquer outro tipo de atividade, **exceto** dormir. Em ‘Calada Noite’, série que estreia hoje, às 23h30, no GNT, Sarah Oliveira vai conversar com pessoas que têm uma relação especial com a noite. A primeira convidada ilustre é a atriz Patrícia Pillar, que revela seus hábitos noturnos.

(<http://odia.ig.com.br/diversao/televisao/2015-03-04/programa-apresenta-famosos-e-anonimos-que-preferem-a-madrugada.html>, acesso em 21/08/2015)

Para esta análise, foi feita uma busca pelo conector *exceto* em textos de domínio jornalístico publicados *online* nos portais de *O Dia* (<http://odia.ig.com.br/>) e da *Isto é* (<http://istoe.com.br/>), publicados entre 2000 e 2016. Nas ocorrências coletadas, verificamos o padrão construcional *Exceto X* instanciado em quatro *types* na integração de orações: 1) *Exceto quando*; 2) *Exceto se*; 3) *Exceto que*; 4) *Exceto* \emptyset , em que a oração está na forma infinita com o verbo no infinitivo¹. Acreditamos que essas microconstruções são estratégias de veiculação de conteúdos semântico-pragmáticos aparentados, mas, ao mesmo tempo, diferenciados. O instrumental teórico adotado para este trabalho tem como base a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), devido ao seu compromisso com a análise de dados reais de língua, como será apresentado posteriormente com maior detalhamento.

Na seção seguinte, expomos uma síntese dos postulados centrais da Linguística Funcional Centrada no Uso. Em seguida, traçamos uma breve revisão da bibliografia acerca do item *exceto* em algumas obras de viés gramatical e/ou linguístico. Por fim,

¹ Sabemos da discussão teórica sobre a natureza de orações instanciadas por verbos na forma nominal, dado que esses verbos já não possuem muitos dos traços inerentes à categoria verbal. No entanto, neste trabalho, mesmo que não seja prototipicamente verbo, o infinitivo será considerado como tal.

apresentamos os procedimentos metodológicos adotados e a análise de dados propriamente dita, seguida das considerações finais e referências bibliográficas.

Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) está consubstanciada no “casamento teórico” da Linguística Funcional de vertente norte-americana com a Gramática de Construções, especialmente na linha de Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001). A aproximação dessas duas vertentes tem possibilitado importantes investigações das línguas naturais pelo prisma das construções.

De acordo com Goldberg (1995, p. 1) e Golderg e Casenhiser (2010, p. 4), *construções* são “correspondências de forma-significado” que funcionam como unidades básicas e centrais da língua, ou, nos termos de Trousdale (2008, p. 6), são unidades simbólicas convencionais (“conventional symbolic unit”), visto que operam em diferentes níveis da gramática.

Considerando a gramática como uma representação cognitiva da experiência linguística dos indivíduos, a LFCU incorpora a semântica e a pragmática à análise das construções, alargando seus interesses para além do plano morfossintático. De acordo com a LFCU, a língua é um sistema a serviço das necessidades intercomunicativas do usuário, motivadas por fatores linguísticos e extralinguísticos (MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA; CEZÁRIO, 2013; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2015). Nessa perspectiva teórica, o foco são os padrões linguísticos em seus contextos de uso.

De fato, o uso é considerado o grande motor da mudança linguística. É justamente na interação verbal que os significados são negociados e as alterações na língua são instauradas. Nesses processos, atuam princípios cognitivos e interacionais, em um complexo mosaico de atividades integradas. Portanto, ao mesmo tempo em que há aspectos estáveis, também é possível verificar diversas instabilidades que acomodam e desacomodam continuamente o sistema linguístico. Assim, um princípio muito caro aos defensores da LFCU é que a gramática da língua está em um permanente movimento dinâmico, em uma acepção muito próxima à clássica formulação de *gramática emergente*, defendida por Hopper (1991).

Em síntese, é possível defender que a LFCU “trabalha na interface entre uso e estrutura, considerando a emergência e a regularização de padrões linguísticos na

interação verbal” (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 18). Nesse sentido, a LFCU vai além das perspectivas clássicas de gramaticalização, visto que lança luz não só sobre aspectos funcionais, mas também sobre aspectos formais do fenômeno linguístico. Ademais, o plano de análise não está mais no item linguístico, mas em uma entidade um pouco mais ampla e complexa, ou seja, a *construção*, como já se definiu esta seção.

A partir desse modelo teórico, os estudos funcionalistas passaram não mais a levar em consideração apenas um determinado item, mas, em uma visão mais abrangente, aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos (plano da forma), bem como aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos (plano do significado). Julgamos que essa abordagem apresenta-se como modelo teórico apropriado para a investigação do conector *exceto* (e derivados) em seus usos linguísticos reais.

Exceto na Literatura

Não há uma concordância sobre qual seria a classificação do conector *exceto*. Segundo o dicionário Priberam², *exceto* pode ser uma preposição, um advérbio até mesmo um adjetivo e substantivo masculino. Assim, verificamos que a classificação do item é pouco precisa. Para ampliar a discussão, faz-se necessário trazer essas classificações diversas dos autores por meio de uma revisão da literatura.

Cunha e Cintra (2001, p. 556) classificam *exceto* como preposição acidental, por pertencer, normalmente, a outra classe, no caso, particípio e advérbio, mas funcionar às vezes como preposição. Assim, verificamos que a classificação do item é pouco precisa.

O dado (02) a seguir coaduna-se bem com a visão descritiva de Cunha e Cintra (2001, p. 556), visto que o item *exceto*, de fato, comporta-se como um item preposicional. Vejamos:

(02) Lexa ficou seis meses se preparando antes de fazer o primeiro show, ou seja, antes de gerar a primeira receita. Nesse caso, todos os custos com essa preparação que engloba academia, personal, aulas de inglês, piano, coach de TV, produção do show, contratação de músicos, ensaios, moradia, media training, mudanças de visual, fono, canto, etc. são planejados e retirados da verba de investimento de carreira do produto Lexa. Portanto, no primeiro ano de contrato

2 "exceto", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/exceto> [consultado em 26-02-2017].

nenhum sócio faz retirada, **exceto** Lexa, que tem além de todos os custos pagos, uma ajuda de custo mensal. (<http://blogs.odia.ig.com.br/leodias/2015/08/24/lexa-recebe-ajuda-de-custo-de-r-3-mil-mensais/>. Acesso em 29/08/2015)

Neste exemplo (02), o item *exceto* exibe comportamento preposicional, pois rege elemento nominal (“*exceto* Leka”). Logo, como já afirmamos, de fato, esse é um uso contemplado pelas gramáticas e igualmente atestado em dados de língua real. Sem dúvida, é um uso contemporâneo em produtividade na variedade brasileira do português.

Bechara (2015, p. 316) também inclui *exceto* no rol de preposições acidentais. O autor acrescenta que só as preposições essenciais podem ser acompanhadas de formas tônicas dos pronomes oblíquos. O autor apresenta um exemplo com pronome reto “*Exceto eu*, todos foram contemplados”. No *corpus*, não encontramos nenhum dado com forma tônica de pronome oblíquo, corroborando com o que ele havia afirmado sobre o fato de *exceto* não ser uma preposição essencial, e sim acidental.

(03) Jonatas Faro, lindo, explicava o mico que foi o quadro ‘Artista Completão’. **Exceto** ele, lógico. Ah, e como não poderia faltar? Ela foi a última a chegar, mas tinha que causar: Susana Vieira. Cumprimentou a todos com beijinhos e, na hora do “gravando”, baixou a Susana de sempre. Depois de ouvir elogios como “diva”, “estrela”, ela solta: “Você diz isso para todas...”. Ledo engano! (<http://blogs.odia.ig.com.br/leodias/2014/05/21/saiba-o-que-ninguem-contou-sobre-a-estreia-de-crazy-for-you/>. Acesso em 29/08/2015)

Neste exemplo (03), a partícula *exceto* introduz o pronome reto *ele*, ou seja, um pronome reto. Trata-se de um exemplo muito semelhante ao fornecido por Bechara (2015, p. 316). Dessa forma, esse “lugar” da partícula *exceto* é confirmado tanto pelo gramático quanto pelo dado de língua em uso do PB.

Moura Neves (2011, p. 735-736) reitera a classificação de *exceto* como uma preposição acidental que introduz sintagma nominal ou oração infinitiva, estabelecendo uma relação semântica de exclusão. A autora, portanto, dá um passo adicional na descrição desse item linguístico, visto que aborda seu uso na função de conectivo interoracional.

Por sua vez, Castilho (2014, p. 542; 575) ao listar 14 espécies de advérbios, inclui os advérbios de exclusão, em oposição aos de inclusão. Ele acrescenta que esses advérbios têm um substantivo como escopo, expresso ou não, atuando como especificador de um sintagma nominal.

Com relação ao espanhol, *A Nueva Gramática de la Lengua Española* (2010, p. 622) admite *exceto* como uma das conjunções que denota exceção. Nessa gramática, afirma-se que *exceto* costuma ser interpretado em relação a alguma expressão quantitativa universal, como *todo(s)*, *nenhum*, *nada*, *sempre*, *nunca* ou plurais definidos, para introduzir algo que não faz parte desse conjunto. Vejamos mais um dado

(04) "É muito importante para nós mostrar que temos o ritmo para ser os primeiros na frente de todos, **exceto** a Mercedes. Amanhã não será fácil, mas estamos preparados e será uma corrida empolgante", comentou Massa, que disse ser "fantástico" ver as duas Williams na segunda fila.
(<http://odia.ig.com.br/esporte/2015-07-04/massa-vibra-por-estar-atras- apenas-da-mercedes-e-espera-corrída-empolgante.html>. Acesso em 29/08/2015)

Neste exemplo (04), constatamos o uso de *exceto*, em língua portuguesa, cumprindo a função indicada pela *Nueva Gramática de la Lengua Española* (2010, p. 622). No exemplo, a expressão *exceto a Mercedes* cumpre a função de deslocar um elemento do conjunto indicado pelo pronome indefinido *todos*. Em outras palavras, no exemplo (04), a expressão quantitativa universal é *todos*. O elemento que não faz parte desse conjunto é *Mercedes*. Esse arranjo sintático-semântico é possível, graças ao uso da partícula de exceção *exceto*, classificado como conjunção³.

Kortmann (1997, p. 84-87), após realizar um grande estudo tipológico que envolveu dezenas de línguas europeias, propôs uma classificação das 32 relações interclausais encontradas, agrupando-as em quatro grandes grupos: *tempo*, *CCC* (causa, condição, concessão) e *modo*, além de um quarto grupo híbrido, chamado por ele de “*outros (as)*”. No grupo CCC, o autor arrola as orações de exceção/restricção, em aceção muito semelhante às orações de exceção. Assim como Kortmann (1997), admitimos, neste trabalho, *exceto* como um subordinador adverbial, que passou pelo seguinte processo de recategorização: participio passado > adpositor > subordinador adverbial.

Na próxima seção, vamos apresentar mais dados coletados de nosso *corpus*, de forma mais orgânica e sistemática. Também será possível aferir a frequência de uso de cada construção que instancia a partícula *exceto*.

3 Os limites entre *conjunções* e *preposições*, bem como os de outras categorias gramaticais, são bastante fluidos e controversos. Essa é uma questão de grande importância, mas, como excederia os objetivos deste artigo e demandaria um espaço maior para discussão, optamos por não explorá-la neste trabalho. Portanto, ao fazermos referência ao item *exceto*, que é o foco deste trabalho, referimo-lo como *conector*.

Procedimentos metodológicos e análise de dados

Os *corpora* selecionados para esta pesquisa são compostos por diversas matérias publicadas no portal *online* do Jornal *O Dia* e da Revista *Isto é*, gratuitamente disponível na internet. Como metodologia de trabalho, com base no mecanismo de busca eletrônica, coletamos as ocorrências de *exceto*, entre os anos de 2000 e 2016. Como foco deste trabalho é analisar as ocorrências oracionais com *exceto*, decidimos descartar da análise de dados as 180 ocorrências não-oracionais encontradas com *exceto*.

As ocorrências utilizadas para este estudo receberam um tratamento quantitativo, mas especialmente qualitativo. A partir das análises realizadas, foi possível postular a existência de quatro *types* oracionais de *Exceto X*. Nas seções seguintes, traçamos um panorama de uso dessa construção, a partir das seguintes tabelas:

Tabela 1 – *Exceto X* no Jornal *O Dia*

<i>Exceto X – O Dia</i>	
Exceto quando	18
Exceto se	7
Exceto que	3
Exceto Ø	3
Total de dados	31

Tabela 2 – *Exceto X* na Revista *Isto é*

<i>Exceto X – Isto é</i>	
Exceto quando	10
Exceto se	6
Exceto que	2
Exceto Ø	1
Total de dados	19

Tabela 3 – Total de dados de *Exceto X* nos *corpora* utilizados

<i>Exceto X</i>		
Exceto quando	28	56 %
Exceto se	13	26 %
Exceto que	5	10 %
Exceto Ø	4	8 %
Total de dados	50	100 %

As tabelas anteriores demonstram quantitativamente os usos de *Exceto X* em quatro diferentes configurações morfossintáticas. Nessas microconstruções, a partícula *exceto* vem acompanhada de outro conectivo mais básico (*quando, se e que*) na forma finita. Já na forma infinita, detecta-se apenas o conector *exceto* seguido de verbo no infinitivo sem qualquer outra partícula conectiva que o acompanhe. Em nossos dados, não foram encontradas construções oracionais de exceção instanciadas pelo gerúndio ou pelo particípio. O uso do conector *exceto quando* mostrou-se como o mais frequente, fato inesperado, uma vez que não encontramos menção a esse conector nos compêndios analisados. Feitas essas observações gerais, vejamos cada um dos quatro *types* detectados.

EXCETO QUANDO

Autores tradicionais não registram o uso de *exceto quando*, entretanto, esse conector somou 56 % das ocorrências, tendo sido o mais frequente dentre os padrões construcionais oracionais estudados.

Apesar de as orações com o elemento *quando* ter tradicionalmente um sentido de tempo, ao unir-se a *exceto*, adquire também um sentido condicional. Bechara (2015, p. 342) prevê que “em algumas construções, se pode alterar o sentido originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo”. É o que acontece com o *quando* unido a *exceto*.

(05) A lei classifica como “ilegítimo” o uso de arma de fogo contra pessoa desarmada e veículo que desrespeite bloqueio policial em via pública, **exceto quando** representarem risco de morte ou lesão aos agentes ou a terceiros.
(<http://odia.ig.com.br/noticia/economia/2014-12-25/agentes-de-seguranca-publica-terao-novas-regras-para-uso-de-armas.html>, acesso em 20/08/2015)

O uso do conector *exceto quando* junto ao verbo no subjuntivo “representarem”, de fato, veicula uma noção de condicionalidade. Contudo, trata-se de uma condicionalidade negativa. Afinal, o *exceto* poderia ser parafraseado por “A lei classifica como ‘ilegítimo’ o uso de arma de fogo contra pessoa desarmada e veículo que desrespeite bloqueio policial em via pública, **SE NÃO** representarem risco de morte ou lesão aos agentes ou a terceiros”. Entretanto, apesar de a paráfrase ser possível, cabe

um questionamento: Qual teria sido a motivação para que o falante utilizasse um conectivo bem mais complexo (*exceto quando*) para a veiculação de um conteúdo condicional, que poderia ter sido comunicado por meio de *se não*?

A resposta está na questão da intersubjetividade. O uso de *exceto quando* certamente carrega o discurso de uma forma mais expressiva. A intersubjetivização consiste justamente na utilização de recursos linguísticos para atuação sobre o interlocutor, com vistas à sua adesão ou anuência (cf. ROSÁRIO, 2012, p. 131-132). Esse processo conduz a um verdadeiro reforço de informatividade (cf. CUENCA; HILFERTY, 1999, p. 169), baseado em um processo metonímico de caráter inferencial. Essa necessidade discursiva pode funcionar como um verdadeiro motor para o aparecimento de novas formas gramaticais, o que é provável com relação a *exceto quando*.

EXCETO SE

Rocha Lima (1998), Cunha e Cintra (2001) e Bechara (20015) não preveem o conector *exceto se* em seus compêndios. Moura Neves (2001, p. 18), por outro lado, admite a existência dele, que é marcado por uma circunstância condicional. Nesse caso, temos uma construção que amalgama dois matizes semânticos: exceção e condição. Vejamos:

(06) O Acordo de Confidencialidade representa, também, um “armistício”, a garantia de que a empreiteira não será mais alvo de novos “ataques” da Lava Jato, as operações especiais, **exceto** se algum executivo seu for flagrado na prática de novos crimes.
(<http://istoe.com.br/acordo-de-confidencialidade-da-odebrecht-com-lava-jato-e-lo-passo-para-delacao/>, acesso em 17/07/2016.)

Em (16), temos além do conector *exceto se*, verbo no subjuntivo, confirmando a presença da semântica condicional junto a de exceção. A união do matiz condicional a outras noções semânticas é um fato largamente atestado em diversas pesquisas empíricas. Por exemplo, Rosário (2012) investigou, dentre outros conectivos, os usos funcionais de *mesmo se*, que adjunge as ideias de concessão e condição. Essa ideia de aproximação das relações semânticas de causa, concessão e condição também é proposta por Kortmann (1997) e Raposo *et al* (2013).

EXCETO QUE

Rocha Lima (1998) não admite outra forma de oração de exceção, além da reduzida de infinitivo. Cunha e Cintra (2001, p. 590) afirmam que há muitas conjunções compostas por advérbios, preposições e participios com a partícula *que*, formando as locuções conjuntivas. Todavia, eles não citam *exceto que* como uma delas, apesar de sua produtividade em língua portuguesa. Vejamos:

(07) "Os pés são também como os nossos, **exceto que** os dedos são ligeiramente curvados, o que significa que estariam adaptados para viver nas árvores e na terra". Em conjunto, este homem, de 1,50 metro e uns 50 quilos, tem características de *Australopithecus*, mas é mais gracioso do que esta espécie, que se aproxima do homem.
(http://istoe.com.br/435950_NOVA+ESPECIE+DO+GENERO+HU+MANO+E+DESCOBERTA+NA+AFRICA+DO+SUL/, acesso em 18/07/2016.)

Bechara (2015, p. 491) admite *exceto que* como um transpositor complexo de oração adverbial, como acontece em nosso *corpora*. Em (07), verificamos que “dedos” retoma o termo “pés”. Essa anáfora é sancionada pelo uso do subordinador *que* junto ao *exceto*. Esse tipo de composição sintagmática segue um modelo bastante produtivo em língua portuguesa, alinhado ao esquema X-que, em que um elemento (nominal, verbal ou adverbial) se combina com o elemento *que*. Lima-Hernandes (2010) defende que essa reanálise é resultado da pressão exercida pelos aspectos pragmáticos da interação comunicativa sobre os mecanismos sociolinguísticos (metonímia e metáfora). Ao longo da história da língua portuguesa, diversos conectivos foram sendo formados por meio da adjunção de nomes, verbos, preposições e advérbios ao *que*, considerado subordinador por excelência. Casos de *exceto que* comprovam que esse mecanismo de criação de novos conectivos permanece produtivo em língua portuguesa.

EXCETO Ø

Rocha Lima (1998, p. 263) considera a oração adverbial de exceção apenas na forma reduzida, como exemplifica em *Nada fazia **exceto dormir***. Essa, entretanto, não é uma posição comum entre os gramáticos de orientação normativa. Cunha e Cintra (2001), por exemplo, não abordam a oração reduzida de infinitivo com o conector *exceto*.

Segundo Bechara (2015, p. 534), as orações adverbiais reduzidas de infinitivo são compostas por verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo. Ele acrescenta que “normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada.” Bechara (2015, p. 542) considera a oração de exclusão como uma das possibilidades das orações reduzidas de infinitivo, afirmando que ela pertence ao grupo de orações reduzidas fixas, ou seja, normalmente, não aparecem sob forma desenvolvida.

Em nosso *corpus*, encontramos esse padrão construcional, como exemplificamos a seguir:

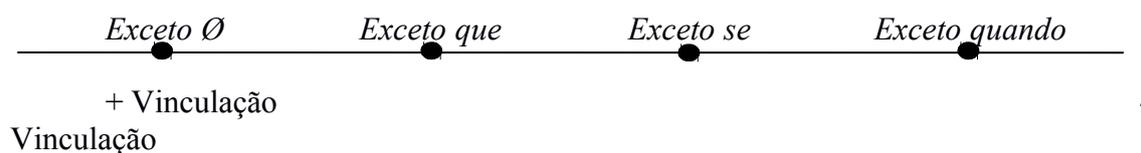
(08) Antes um dos países com o menor índice de suicídio, a Grécia viu suas taxas dobrar nos últimos três anos. O caso mais emblemático é o do aposentado Dimitris Christoulas, 77 anos, que chocou o mundo numa manhã de abril, quando disparou um tiro de pistola na cabeça. O local escolhido foi a praça Sintagma, em Atenas, bem em frente ao Parlamento. Em sua carta de despedida, Christoulas escreveu: “Não me resta nenhuma solução **exceto** colocar um fim decente à minha vida antes de ser forçado a procurar comida no lixo e de ser um fardo para os meus filhos”.
(http://istoe.com.br/218103_A+EUROPA+EM+DEPRESSAO/, acesso em 17/07/2016.)

Temos em (08) um exemplo claro da semântica de exceção. Temos aqui na oração de exceção um valor contrário à referência presente na oração matriz. Na semântica de exceção, uma entidade ou situação excluída é apresentada como exceção a um todo, a um quantificador com valor universal, conforme a representação imagética a seguir:

Figura 1 – Representação imagética da exceção



Vale destacar que os *types* instanciados por *Exceto X*, não possuem o mesmo grau de vinculação. Há entre eles diferentes níveis de composicionalidade, como podemos observar no seguinte *continuum*:



A microconstrução *exceto Ø* está mais vinculada, ligada diretamente ao infinitivo, enquanto *exceto quando* é menos vinculado, uma vez que esse conector tem mais peso e mais composicionalidade. É importante observar que nas orações instanciadas pelos conectores complexos *exceto quando* e *exceto se*, temos uma estratégia discursiva de focalização, em que o usuário atribui relevo às orações de exceção. Embora Halliday (1985) não classifique as orações de exceção como de realce, e sim como orações de extensão, ele admite que certos marcadores de expansão são polivalentes. Aqui defendemos que as orações instanciadas por *Exceto X* são orações subordinadas periféricas (RAPOSO *et al.*, 2013, p. 2032), ou seja, em um *continuum* de integração oracional, estão em uma posição entre as orações coordenadas e as orações subordinadas integradas. Trata-se, portanto, de um grupo especial de orações, com uma vinculação sintática particular em relação aos outras.

Considerações finais

Neste trabalho, procuramos traçar, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), um panorama do conector *exceto*, analisando seus usos em um *corpora* de textos de domínio jornalístico publicados entre 2000 e 2016. Apesar da pouca literatura sobre as orações de exceção nas gramáticas brasileiras, confirmamos a hipótese de que *Exceto X* é produtivo no português brasileiro, justificando a necessidade de uma descrição desse fenômeno linguístico.

Ao analisarmos nosso *corpora*, verificamos a presença de quatro microconstruções compostas pela partícula de exceção *exceto*: 1) *Exceto quando*; 2) *Exceto se*; 3) *Exceto que*; 4) *Exceto Ø*. Constatamos, na pesquisa, que há semânticas adjungidas nos dados. Além do matiz semântico de exceção, encontramos nos dados o sentido de condição em *exceto se* e o sentido de condição e tempo, em *exceto quando*.

Portanto, esperamos que os resultados obtidos neste trabalho contribuam, principalmente, para a descrição do plano de conexão de orações. Assumindo o *Exceto X* como um conector oracional de exceção, ampliamos, assim o rol das orações hipotáticas em português, admitindo as orações hipotáticas de exceção.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- CASTILHO, Ataliba de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUENCA, Maria Josep; HILFERTY, Joseph. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Ariel Lingüística S.A., 1999.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DECAT, Maria Beatriz *et al* (Org.). A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: *Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- FURTADO CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; CEZARIO, Maria Mauro.

Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

GIVÓN, Talmy. Inter-clausal connections and discourse coherence. In: _____. *English Grammar: a function-based introduction*. Vol. 2. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia. 1993.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____; CASENHISER, D. English Constructions. In: AARTS, B; MCMAHON, A. *Handbook of English Linguistics*. Blackwell Publishers, 2006.

_____. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University Press, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. vol. 1. Amsterdam: Benjamins, 1991.

KORTMANN, Bernd. *Adverbial Subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European Languages*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Processos sociocognitivos da mudança gramatical: estruturas x-que no português*. São Paulo, 2010. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, 2010.

MARTELOTTA, M. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MOURA NEVES, Maria Helena. *Gramática de usos de português*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

_____. *A gramaticalização e a organização dos enunciados*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 13-22, 2º semestre 2001. Disponível em: http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta09/Conteudo/N09_Parte01_art01.pdf

OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (org.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj.

PRIBERAM. Dicionário de Língua Portuguesa. Disponível em: <www.priberam.pt/dlpo/>. Acesso em 26 fev. 2017.

RAPOSO, Eduardo Bozaglo Paiva et al. *Gramática do Português*. Fundação Calouste

Gulbenkian. 2013.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA Y ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva Gramática de La Lengua Española*. Manual. Madrid: Espasa, 2010.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 36. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. A expressão da concessividade em construções do português do Brasil. Tese Doutorado, UFRJ, 2012. Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/RosarioIC.pdf>. Acesso em janeiro/2017

TROUSDALE, Graeme. Constructions in grammaticalization and lexicalization: Evidence from the history of a composite predicate construction in English. In: Trousdale and Gisborne, eds. *Constructional Approaches to English Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008. p.33-67.